

Relendo uma história mal contada – suas repercussões no currículo

Regina Leite Garcia^[1]

A maneira de compreender uma história depende de como a contamos. A história das Américas, e no que nos diz respeito, da América Latina, sempre nos foi contada do ponto de vista dos que pretenderam descobri-la, colonizá-la, “civilizá-la”, já que se acreditavam portadores da Civilização. Viriam “iluminar” gente que para eles, sequer alma tinha.

Neste texto pretendo ir aos autores que vêm contando a história de Nuestra América, conforme Marti, de um outro ponto de vista- o ponto de vista dos que defendem que nas Américas havia povos, pelos ”descobridores” destas terras denominados “índios”. Dizem alguns, que os europeus, por pensarem se tratar de outras terras já por eles denominadas Índias, de onde levavam as tão valorizadas especiarias que lhes pareciam direitos seus. Os povos que nestas terras descobertas viviam, para só citar alguns, aztecas, maias, incas, aymaras, quéchuas, mapuches e tantos outros foram sendo dizimados, pilhados em suas riquezas, expulsos de suas terras, escravizados e obrigados à língua dos colonizadores, pois que para dominar é preciso impor ao vencido a sua língua que vem com a sua concepção de mundo.

Assim foi aqui, assim foi em cada território em que os europeus se apresentaram como salvadores das almas impuras. Daqui foi que Hobsbawm denuncia ter sido levada a riqueza que, passando por Portugal chegou à Inglaterra para financiar a revolução industrial. E enquanto a Inglaterra fazia uma revolução que mudava o mundo, em Portugal ficavam apenas as migalhas com que faziam igrejas para louvar a Deus.

Como sou, pela minha história de professora primária em muitos anos da minha vida profissional, e professora de crianças conta muitas histórias, abro o meu texto contando uma história que, talvez, seja como uma *semente emancipatória* e peço licença a José Guilherme Gonzaga pela apropriação de uma criação dele.

Certa vez, já há alguns anos, organizamos um seminário na Faculdade de Educação da Uff cujo tema era Direitos Humanos, para o qual convidamos alguns estudiosos do tema e, além dos reconhecidos intelectuais, convidamos o filho do

^[1] - Professora Permanente Especial do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal Fluminense
Pesquisadora do Cnpq

cacique de uma pequena tribo que vivia nos arredores de Angra dos Reis. Falaram primeiro os intelectuais, afinal noblesse oblige, e por último falou o filho do cacique. Contou-nos ele, ter ido para a escola porque seu pai lhe dizia ser importante para a tribo, que ele fosse para a escola aprender os saberes do branco. E ele diariamente ia para a escola e ao final de cada dia voltava para a tribo a se perguntar para o que servia o que estavam a lhe ensinar. Até que um dia uma professora de História lhe ensinou que quando os portugueses chegaram a estas terras que hoje chamamos Brasil, indígenas já aqui viviam. E concluía o filho do cacique, que neste dia ele finalmente compreendera a importância da escola. Ele aprendera com aquela professora que, se seu povo já estava nestas terras, *o tal de Pedro Cabral não descobriu aquelas terras, pois se meu povo já aqui vivia, ele invadiu as terras de meu povo.*

Talvez graças àquele dia e àquela história contada por aquele indígena, uma *semente emancipatória* tenha anunciado o que hoje tanto me interessa – me apropriar de uma nova leitura de nossa História e poder com o que esta nova história me ensina, poder ajudar as professoras a melhor lidar com as vítimas daquela história mal contada dos que se apresentaram como vencedores.

E não sabemos com Grosfoguel que os saberes subalternizados e silenciados raciais e étnicos têm muito a acrescentar a uma teoria descolonial radical já que trazem um forte potencial crítico?

Um pouco da minha própria história

Para chegar ao pretendido neste texto – reler uma história que nos foi mal contada e que nos últimos tempos vem sendo recontada por latino-americanos, ao que venho denominando Estudos críticos latino-americanos e que vai lá nos idos do século XVI quando a Europa “descobriu” um novo mundo, cujos resultados até hoje são sentidos e sofridos pelos povos deste continente, eu faço um pequeno mergulho na minha própria trajetória que me levou a chegar onde hoje me encontro.

Voltar ao passado para, melhor compreendendo o presente, possamos nos projetar para o futuro onde se anuncia a possibilidade de um outro mundo, um mundo melhor conforme nos convida o mote do Fórum Social Mundial – *um outro mundo é possível*. Ou, indo mais longe, com os zapatistas que propõem – *um mundo em que diferentes mundos sejam possíveis*. Ao sonho de mundos diferentes, de outros mundos que possam conviver, há que se trazer o alerta de Susan George aos que participam do movimento pela mudança social, aos que não aceitam como inevitável a manutenção de

desigualdades entre Norte e Sul, a lógica do capitalismo, a destruição ambiental ou a eternização do poder nas mãos de uma pequena minoria, ou mesmo para os inconformados com os endêmicos índices de analfabetismo no Brasil, a tod@s que acreditam e lutam tendo por horizonte a possibilidade de um outro mundo, George acrescenta um desafiador **Se ...** sugerindo o que se há que fazer para efetivamente tornar possível este outro mundo sonhado. Sejam os otimistas que acreditam que a mudança virá sem que nada precise ser feito ou os pessimistas que desacreditam de qualquer possibilidade de mudanças, ainda que muito se lute por elas, Susan George alerta para o **Se...** ou seja, há que muito se fazer para que estes sonhos de um mundo melhor se tornem realidade. A própria história de George já é uma resposta ao alerta que ela faz, militante de movimentos pela libertação, atuando no Greenpeace International,, no ATTAC - France, no Transnational Institute - Amsterdam, além dos inúmeros artigos e livros que tem escrito.

Já Paulo Freire havia denunciado o perigo do sonho apenas sonhado que aliena e desmobiliza, chamando para a luta que empodera e produz mudanças. Para Freire, o sonho há que ser empoderado com o chamado para a luta, a luta coletiva por um mundo melhor, pois *uma andorinha só não faz verão* já nos alertava um velho ditado.

Freire, Fanon, Fals Borda e tantos outros que tanto lutaram para mudar o mundo. E não é o que também já encontramos nas Teses sobre Feuerbach em Marx, especialmente na XI? Lá ele afirma – *os filósofos não fizeram mais do que interpretar de diversos modos o mundo, porém do que se trata é de transformá-lo*. No entanto, para conseguir este feito talvez necessitemos, não apenas do *SE* de Susan George, mas também do *otimismo militante* de Ernst Bloch.

Vamos então ao meu próprio mergulho em algumas situações vividas, sempre em coletivos dos quais participava/participo e que explicam onde estou hoje em meus estudos e pesquisas e que me ajudam a melhor compreender o misterioso cotidiano escolar, o fracasso/sucesso escolar, o ensinar/aprender, o currículo numa perspectiva *emancipatória* conforme Boaventura ou *libertária* conforme Dussel, preocupações que me acompanham. Serei breve, já que não se trata de um trabalho autobiográfico, embora com Boaventura Santos e Ferraço tenha aprendido que aquele ou aquela que pesquisa se pesquisa ao pesquisar, e, ao conhecer o outro mais conhece a si mesmo. Isto porque o conhecimento de si mesmo, o conhecimento do outro, o conhecimento do mundo se dão em relação.

Trago apenas alguns momentos que me fizeram mudar o rumo, momentos que não seguem, ao serem chamados, a uma hierarquia de tempo ou de intensidade, mas que na minha vida foram me levando para outros caminhos, talvez me mostrando mais uma vez que *não sou eu quem me navega, mas quem me navega é o mar*, lição aprendida com Paulinho da Viola. Abro apenas o meu baú de memórias e, na medida em que as memórias vão aparecendo, eu as deixo falar.

Alguns momentos de mudança

Certa vez estávamos nós, coletivo do GRUPALFA, grupo de pesquisa que trabalha junto desde os idos de 1988, pesquisando a alfabetização dos alunos e alunas das classes populares, naquele momento entusiasmadas com os resultados das pesquisas de Emília Ferrero, Acreditávamos então poder classificar as crianças a partir da leitura que elas faziam de cartões que lhes apresentávamos, conforme recomendava Ferrero. E o que hoje me parece pior – acreditávamos que classificando as crianças em pré-silábicas, silábicas, silábico-alfabéticas, alfabéticas e que tais, estaríamos ajudando as professoras em seu afã de alfabetizar as crianças, e as crianças em seu desejo de aprender a ler e escrever.

Eis que, num determinado momento, um dos alunos, ao ser perguntado sobre o que havia no cartão, olhou para a nossa companheira que o entrevistava e lhe perguntou:

- O que você quer que eu diga?

Momento de surpresa para nós. Momento de reflexão e aprendizagem para nós. Momento de tomada de consciência, de descoberta, de mudança de rumo para o Grupalfa. Naquele momento, aquele menino nos chamava a atenção para o fato de que *a pergunta do pesquisador pode influir sobre a resposta do entrevistado*.

E nós, àquele tempo ainda acreditávamos possível a neutralidade...

Mais tarde fomos encontrar em Heisenberg e seu *princípio da incerteza* que na Física, o olhar do pesquisador pode influir sobre o fenômeno investigado, e, como se brincasse, num momento pode se mostrar partícula, no outro imediato pode se mostrar onda, e vice versa, fenômeno a que denominam dualidade onda-partícula.

Encontramos também em Bohm que, afirmava ser o universo fundamentalmente indivisível, uma *totalidade fluida*, em que o observador não pode se separar essencialmente do observado. E que as “partes”, tal como as “partículas” ou as “ondas” seriam formas de abstração a partir da totalidade fluida.. Ou seja, as partes parecem autônomas, embora sejam apenas “relativamente autônomas”.

É incrível que a física quântica seja capaz de admitir o que nos pareceria relativizar, abdicando do lugar das certezas, enquanto nós, pesquisadoras em educação dávamos a uma resposta induzida de uma criança, valor de verdade.

Nestas nossas ousadas e curiosas visitas ao mundo até então desconhecido para nós da física quântica, um dia Margareth, uma de nossas companheiras do Grupalfa nos desafia a todas e a si mesma :

Será que é possível pesquisar?

Assim fomos saindo do confortável mundo das certezas para o pantanoso mundo das dúvidas, o que foi confirmado quando uma de nossas companheiras trouxe dois desenhos de crianças e nós nos pusemos a analisar cada um dos dois desenhos, chegando ao diagnóstico, ainda vítimas que éramos da onipotência tão comum entre pesquisador@s. – uma das crianças seria ainda imatura, não teria atingido sequer a fase de fechar o círculo, a outra criança estaria na fase silábico-alfabética, concluímos nós, do alto de nossa onipotente ignorância. Nellyza, a portadora dos dois desenhos, ao final de nossa avaliação afirma:

- O problema é que estes dois desenhos são de meu filho e foram feitos ambos, hoje pela manhã.

Estas duas situações e tantas outras, nos levaram ao que passamos a considerar *a dúvida como método*. Nossas certezas iam sendo substituídas por dúvidas. Ao invés do **É** cheio de arrogantes certezas, o **Quem sabe?** corajosamente assumindo a dúvida, o que nos possibilitou abrir novas portas e descobrir novas explicações para os desafios que enfrentávamos, embora já soubéssemos que sempre fica *o incognoscível*, que nos obriga ao exercício da humildade

Por este atalho fomos fazendo descobertas algumas vezes, aprendizagens outras vezes, confirmando intuições frequentemente, ou mesmo, vivendo um processo necessário de “desconstrução” do já pensado para poder pensar o por pensar, assim criando novos espaços para o inédito, o que nos exigia abdicar das certezas, recomendação que muito mais tarde fomos encontrar em Enrique Leff.

Neste processo de perda das certezas e de mergulho em caminhos incertos, muitas vezes assustadores, processo que nos levava na direção do rompimento de um pensamento único, no qual tínhamos sido formadas, nos deparamos com Atlan, onde encontramos a afirmação de haver *inúmeras razões e não apenas A Razão* tal como nos haviam ensinado. *Diferentes formas de ter razão*, o que fazia toda a diferença e que nossa prática docente e prática investigadora iam confirmando. Chegamos por exemplo,

a que tantas vezes o que a escola considera erro, nada mais é do que *outra razão* que resulta de um outro olhar, um olhar de outro lugar que vê outra coisa diferente do que a professora, como nós, foi ensinada ser a única razão. E com Bakhtin fomos aprender haver um *plus de visão* só possível com o olhar do outro que pode ver o que não vemos. Afinal, Boff cada vez se mostrava mais certo quando afirmava já há muito tempo, que *o ponto de vista nada mais é do que a vista de um ponto*. Quando começamos a ver o que antes não víamos, passamos a puxar fios de outros autores que, com seus outros olhares iam nos ajudando a ver melhor o que pouco a pouco se tornava mais claro. Encontramos, por exemplo, um autor até então desconhecido para nós Victor Brochard, que nos dizia que *o erro não se opõe à verdade, como o esquecimento à lembrança ou a ignorância ao esquecimento*. E, após retornar a Platão, Descartes, Spinoza e Leibnitz, parando mais em Kant, apresenta uma tese em que afirma *errar ser um privilégio do homem, pois sendo o único ser que se engana, é o único capaz de atingir a verdade*. Para o autor, *o princípio metafísico do erro é a liberdade*. E conclui *cada uma das verdades que são o orgulho da nossa ciência começou com um erro, ou, pelo menos, com um paradoxo*.

Com a leitura de Brochard nosso grupo se pos a refletir sobre quantas vezes o que é avaliado ser erro, a resposta de uma criança, se a deixamos explorar em liberdade o caminho por ela mesma traçado para responder à pergunta da professora, talvez pudesse chegar à resposta certa, ou seja, ao resultado postulado pela professora, ou, quem sabe a ir mais longe do que a professora, chegando a uma outra resposta que melhor desse conta da pergunta.

Cada aprendizagem nossa, cada descoberta nossa, provocava mudanças em nossa prática pedagógica, em nossa prática investigativa, em nossa prática extensionista, já que o ensino, a pesquisa e a extensão para nós sempre estiveram articulados, em diálogo crítico e criativo. E íamos juntando a fala de um autor com a afirmação de outro e íamos construindo uma verdadeira colcha de retalhos cujo resultado nos fez chegar onde estamos hoje e, como Alice, fomos passando para o outro lado do espelho, lá encontrando um mundo outro que, a um tempo, nos encantava, assustava e desafiava.

Quando José de Souza Martins nos alertava para “*ouvir o outro no que o outro diz*” fazia diálogo com o “*aceitar o outro enquanto legítimo outro*” que nos vinha de Maturama e provocava mudanças em nossa prática docente, em nossas atividades de extensão e sinalizava para a nossa prática pesquisadora, dando maior consistência à nossa opção político-epistemológica, que já havia deslocado *o outro*, até um tempo

objeto de nossas pesquisas, para o lugar de *sujeito* com o qual interagíamos em nossas atividades de ensino, de extensão e de pesquisa. Nesse processo retornamos a Gramsci em sua afirmação de que *todos os homens são intelectuais*. E acrescentamos à máxima de Gramsci – *todos os homens e mulheres são sujeitos de conhecimentos*, e mais *todas as crianças são sujeitos do conhecimento*, vez que as crianças nos revelam a todo momento o quanto sabem sobre o mundo em que vivem, o que nem sempre os adultos percebem.

Talvez uma das descobertas que mais nos surpreenderam, dada a leitura política que nos propiciaram, foi o estudo de Margulis e Sagan. Estes pesquisadores nos convidavam a fazer outra leitura da origem das espécies de Darwin, tal como foi divulgada historicamente, trazendo o resultado de suas próprias pesquisas acrescidas da conclusão de pesquisas da microbiologia, da paleontologia e da biologia evolucionária que se aproximavam em suas conclusões de ser fora de questão a *separação*^{2[2]} e a competição na natureza. Muito ao contrário, para os pesquisadores o que teria havido seriam *aproximações, formas solidárias*. A biosfera seria toda ela uma inextricável conexão de todas as criaturas que habitam o planeta, um imenso e integrado sistema vivo, um organismo. Portanto, a leitura que fazem Margulis e Sagan da teoria da evolução das espécies de Darwin é diferente da feita pelo senso comum e que muito serviu e continua servindo ao capitalismo. Survival of the fittest que, na tradução do senso comum sintoniza com os valores do capitalismo - competição, individualismo, defendendo que fosse com luta a sobrevivência dos que se revelariam mais aptos, enquanto na pesquisa de Sagan e Margulis, trata-se da sobrevivência dos que mais se adaptaram nos 4 bilhões de anos que se tem notícia de vida em nosso planeta, até que surgisse a nossa espécie. Simbiose para eles é a regra da evolução, e os organismos que sobreviveram, sempre se organizaram em comunidades de diferentes espécies, pois uma espécie não poderia fazer uma transição sozinha..Nesta linha, o que teria havido teria sido, ao contrário da competição, um processo de aproximação, colaboração, cooperação, ou seja, *formas solidárias de convivência que, num processo de autopoiesis facilitaria a multiplicação e a sobrevivência*.

Estas e tantas outras mudanças fomos vivendo, até sermos levad@s por novos autores para nós, ao momento histórico em que teve início o processo de expansão da Europa que, ao se abrir para o mundo até então por ela desconhecido, assume uma ação

^{2[2]} - Na dificuldade de encontrar uma tradução para separateness separação, desunião, dispersão, separabilidade, a condição de poder estar separado

colonizadora que impõe ao mundo. As Américas seriam, portanto, consequência da expansão comercial e o motor do capitalismo

A idéia de América Latina

A “descoberta da América” teria sido para Escobar o início de um genocídio de povos indígenas, habitantes das terras encontradas e dos africanos para aqui trazidos como escravos. Seria o lado obscuro da modernidade. Assim também considera Sylvia Winter. Para ela, a chegada de Colombo ao que hoje chamamos América, muda radicalmente o mundo, dando início à era moderna. Mignolo, concordando com Winter, defende a idéia de América como uma invenção moderna européia e limitada à visão de mundo européia de sua própria história. História contada e imposta como A única História, contada a partir do grego e do latim, em apenas seis línguas consideradas de valor, todas européias – italiano, espanhol, português, francês, alemão e inglês. A colonialidade nomeia as experiências e visões de mundo daqueles que Fanon denominou *les damnés de la terre*, que carregam em seus corpos e mentes a *ferida colonial*, física e psicológica, como consequência do *racismo*. e que os acompanha até hoje.

São *damnés de la terre* a que se referia Fanon, os nossos alunos e alunas que engrossam as estatísticas de fracasso escolar, de analfabetismo, são eles que no mundo do trabalho, se na mesma função, ganham menos que um branco, são eles que ocupam as funções subalternas e que se sentindo sempre em culpa, ao sair de uma reunião se desculpa com o *desculpe qualquer coisa*. Eles não sabem o que fizeram, mas não de ter feito alguma coisa errada, pois assim sempre foi, e eles carregam em seu imaginário uma culpa, da qual, na verdade, são vítimas. E quando, num momento de tomada de consciência de uma culpa histórica, esta sim, carregada de razões em relação a eles, os afro-descendentes, *damnés de la terre*, e é criada uma política de ação afirmativa atrasada, pois algo deveria ter sido feito há muito tempo, a forte reação em nome do perigo de perda da qualidade das universidades tenta impedir, provocando muita polêmica.

Damnés, que desde que para estas terras foram trazidos como escravos, tiveram suas histórias, experiências e saberes silenciados, considerados, eles e os povos que já aqui viviam, povos sem história, que continuam sujeitos aos padrões da modernidade. Bárbaros, cuja humanidade foi questionada, e a quem foi prometido apenas como futuro, tomar como exemplo a Civilização européia, incorporando a língua e, com a

língua, as concepções de mundo dos europeus., um pensamento que não incorpora ou valoriza os saberes dos indígenas ou dos africanos escravizados. Não interessa a quem tem hegemonia validar os saberes subalternos vez que eles carregam um potencial de crítica pela posição de poder subjacente à relação subalternizador/subalternizado. E um dos mitos ocidentais é exatamente o da neutralidade e da objetividade.

No discurso de Rafael Correa no 50º aniversário da Flacso ele faz um retrospecto das ciências sociais na América Latina, concluindo que uma teoria que não esteja comprometida politicamente com a mudança da realidade visando a melhorar a vida da população latino-americana é claramente uma teoria inútil. Lembra Correa que a idéia de criação da Flacso teria sido resposta à necessidade de criação de uma instituição de ciências sociais que pudesse impulsionar um pensamento latino-americano comprometido com produzir respostas às necessidades e problemas específicos da América Latina. Se a Academia é um espaço de disputa ideológica, visando a construir hegemonia, o papel dos intelectuais latino-americanos não há de ser de apenas referendar as teorias hegemônicas eurocêntricas que impedem o que deveria ser a preocupação maior da comunidade acadêmica latino-americana – comprometer-se com a emancipação da América Latina.

No decorrer de sua conferência, Correa retoma o tema da objetividade e da neutralidade a propósito do que considera a crise do pensamento latino-americano e da academia na América Latina. Propõe uma atitude de *vigilância epistemológica* em relação à objetividade possível e da importância de distinguir objetividade e neutralidade. Para ele há que se tentar ser objetiv@ embora nunca neutr@, pois há que ter claro e deixar claro, de que lado estamos na luta política por um mundo melhor.

Há que se ter clareza que o espaço acadêmico na América Latina, e não apenas na América Latina foi colonizado por um conjunto de teorias e metodologias produzidas nos países centrais, pelos falantes das línguas imperiais coloniais.

Já antes de Correa, Fals Borda alertava para a necessidade de uma “*ciência rebelde e subversiva*” na América Latina. Convidava os cientistas sociais a sair das torres de marfim em que se acomodariam alguns. E eu acrescentaria para o muito que no Brasil têm contribuído as avaliações da CAPES, CNPq e os demais avaliadores institucionais, e a competição acirrada que se instalou nas universidades brasileiras, fazendo com que ex companheir@s se tornassem competidor@s, quando não, inimig@s.

E, retornando a Fals Borda, em sua denúncia/ proposta em relação à situação dos cientistas sociais latino-americanos. Defendendo uma *sociologia da libertação*, ou seja, uma nova linguagem científica para abordar temas até então inusitados, entendidos como não científicos ou pelo menos, pouco científicos, afirma:

“A missão do cientista rebelde é estudar com toda a seriedade e usando todas as armas da ciência os problemas de mudança do sistema social, em todas as etapas e em todos os seus aspectos teóricos e práticos. Isto é, fazer ciência politizada” E acrescentava *isto não é destruir a ciência, mas enriquecê-la*” Para isto, ainda segundo Fals Borda, era preciso diminuir o servilismo e o colonialismo intelectual e criar formas alternativas de ação política e social para benefício, não apenas em nossa América Latina, mas de todos os povos explorados e oprimidos da terra, diria Fanon, *les damnés de la terre*.

Para melhor compreender o que trago de Correa e Fals Borda, vale ir mais uma vez a Quijano e a Mignolo, quando encontramos em Quijano

La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable.

Es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad-modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres.

E em Mignolo, que *toda mudança de descolonização política (não racista, não heterossexualmente, patriarcal) deve suscitar uma desobediência política e epistêmica*. E propõe um *giro epistemológico*, ou seja um pensamento que desnaturalize a matriz colonial do poder.

E vou encontrar em Catherine Walsh, que já em 1971, Stavenhagen estava propondo uma reflexão sobre *Como descolonizar las ciencias sociales?* defendendo que as ciências sociais deveriam ser um espaço de expressão de contra-correntes radicais e da consciência crítica. E mais *“el conocimiento que produce el científico social puede y debe volverse un instrumento para el cambio que, mediante el despertar y desarrollo de la conciencia crítica creativa, capacite a los que no tienen poder, a los oprimidos y colonizados, a cuestionar primero, luego a subvertir y modificar el sistema existente.”*

A não nos esquecermos de Grosfoguel que esteve conosco em nosso II Congresso Internacional Cotidiano-diálogo sobre diálogos, fazendo a Conferência

Dialogal de Abertura quando, entre tanto e tão importante do que disse, puxo mais um fio desta conversa sobre colonialidade do poder, do saber, do ser. Diz Grosfoguel:

Precisamente, el éxito del sistema mundo moderno/colonial consiste en hacer que sujetos socialmente ubicados en el lado oprimido de la diferencia colonial piensen sistemáticamente como los que se encuentran en las posiciones dominantes... La colonialidad del poder, como una imbricación de jerarquias globales múltiples y heterogêneas de formas de dominación y explotación sexuales, políticas, econômicas, espirituales, lingüísticas y raciales donde la jerarquia racial/étnica de la línea divisória europeo/no europeo reconfigura de manera transversal todas las demás estruturas globales de poder. E conclui num chamamento que uma perspectiva epistêmica da diferença colonial produzida pelos subalternos teria muito a nos ensinar.

E não é este o chamamento de Boaventura Santos e Maria Paula Menezes em seu *Epistemologias do Sul*, quando Boaventura: nos convida a

Aprender que existe o Sul

Aprender a ir para o Sul

Aprender a partir do Sul e com o Sul

Esta aprendizagem pelos que vivem no Sul mas pensam como se do Norte fossem, voltados que estiveram sempre para o Norte e tendo aprendido com o Norte a ser e viver, demanda um *desaprender para reaprender* o que até pouco desprezavam.

Este parece um importante chamamento para a mudança que vem acontecendo na América latina e na África que, na Índia o grupo dos Subaltern Studies coordenado por Guha e Spivak e ainda Bhabha, Chakrabarty já vinham relendo a complexa história do domínio inglês na Índia, da adesão de grupos à hegemonia inglesa e da reação de grupos subalternos em sua luta pela libertação, chegando ao instigante desafio de Spivak quando se pergunta nos perguntando – *Can the subaltern speak?* Spivak, nascida na Índia que já aprende a falar e portanto a pensar em inglês, a língua do colonizador e que sabe ser o inglês a única língua comum a diferentes grupos étnicos que têm diferentes línguas como língua original.

Com eles muito temos aprendido pois temos uma convergência de preocupações Mas também alguns intelectuais vêm aparecendo em nosso horizonte, talvez levados pela mesma necessidade de desaprender o que foi imposto pelo eurocentrismo do qual todos temos sido vítimas. Intelectuais africanos como Khatibi, marroquino, que reconheço inclusive numa certa escrita, uma escrita “outra” e que nos convoca para o *descolonizar-se como a possibilidade do pensamento*, um pensamento “outro”, já que

para ele, o que temos feito tem sido reproduzir um pensamento simplificado, que se sustenta na metafísica moral e intelectual.

Talvez acompanhando Khatibi, retornar ao chamamento de Fanon quando, pouco antes de morrer conclama :*Vamos camaradas, o jogo europeu está definitivamente terminado, é necessário encontrar outra coisa.*

Talvez mais uma vez uma desobediência epistêmica coletiva.

A interculturalidade na América Latina – um pensamento outro

A interculturalidade surge na região andina no pensamento e nos projetos descoloniais indígenas, ou melhor dito, pensamentos e projetos dos *povos ancestrais*, que reivindicavam direitos epistêmicos. Em países como Equador e Bolívia a interculturalidade vai se tornando política de Estado, com a conquista de direitos historicamente negados. Políticas de direitos coletivos e de inclusão, chegando na Bolívia à chegada ao poder de grupos indígenas com a eleição de um presidente oriundo de uma dessas etnias Trata-se de luta dos movimentos indígenas e afro no sentido de reconhecimento da diversidade étnica e cultural, ganhando importância a multi-pluri-inter-culturalidade. Luta contra a colonialidade passada e presente, luta contra a violência simbólica, estrutural e cultural, produzidas pela colonialidade

A interculturalidade decorre da *necessidade de construir relações entre grupos e entre práticas, lógicas e conhecimentos distintos, visando a confrontar e transformar as relações de poder que historicamente naturalizavam as assimetrias sociais*. Estas lutas vêm produzindo um conhecimento “outro”, em geral não reconhecido pela academia., por considerar que lhe falte rigor científico, por não atender às normas disciplinares.

Enquanto a multi ou pluri-culturalidade partem da pluralidade étnico-cultural e o direito à diferença, a interculturalidade, tal como vem sendo conduzida pelo movimento indígena andino, luta pela transformação da relação entre povos, nacionalidades e outros grupos culturais.

Com a criação da Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas – UINPI, o projeto indígena de interculturalidade se amplia para o campo epistemológico. Trata-se de um projeto absolutamente inovador, na medida em que, ao contrário das universidades tradicionais, em que o conhecimento é parcializado em disciplinas, na UINPI o conhecimento nem é parcializado em disciplinas, nem

tampouco em ciência indígena e ciência não indígena, mas resulta de um diálogo teórico intercultural – entre culturas, o que possibilita criar novos marcos conceituais, analíticos, teóricos, nos quais são gerados novos conceitos, novas categorias, novos conhecimentos e, eu diria mesmo, nova ciência. Uma ciência “outra” que se move entre lógicas diferentes, entre racionalidades distintas, resultantes de um rico diálogo crítico-criativo entre dois ou mais mundos, uma ciência nova, resultante de um diálogo permanente com a vida. Ou, como diria Khatibi, um mundo outro que produz uma ciência outra.. Trata-se portanto, de assumir uma perspectiva epistêmica e sócio-cultural capaz de dar conta da unidade na diversidade, da articulação e interconexão entre todos os elementos da Pachamama, a dualidade complementar e a reciprocidade. Pensar fora das categorias da modernidade que se apresentou como universal, compreendendo a importância dos lugares epistêmicos, éticos e políticos de enunciação e considerando os espaços das fronteiras. Não mais universidade mas *pluriversidade*. Não mais saber universal, pensamento universal, mas *pensamento fronteiro* – border thinking. Talvez como propõem os zapatistas – *el mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos; la pátria que construimos es una donde quepan todos los pueblos y sus lenguas, que todos los pasos la caminen que todos la ríen, que la amanezcan todos*.

A UINPI é um projeto civilizatório pluralista e alternativo anunciando uma possibilidade de aprofundamento da democracia

Pode-se dizer que a inter-culturalidade seja uma resposta de intelectuais andinos ao pensamento fronteiro – *border thinking*, que aparece com Glória Anzáldua, the new mestiza, em sua capacidade de sintetizar a sua condição de mulher indígena mexicana que, vivendo na fronteira com o Texas, passa para o outro lado da fronteira com sua família e estigmatizada por sua condição de mulher, chicana, lésbica, poeta, feminista, cria o *spanglish* se dedicando na Universidade do Texas e em tantas outras, a Estudos feministas, a Escrita criativa, tendo sempre o compromisso de ajudar seus alunos alunas a criarem a sua escrita para dizer a sua própria palavra.

If you don't behave like everyone else, la gente will say that you think you're better than others, que te crees grande.

E lá vai ela com seu spanglish denunciando um mundo cruel racista, machista, que subalterniza *la gente dark-skinned, a force of cheap labor,*

E como lá e cá más fadas há, aqui também acontece o que Anzáldua denuncia - que a gente de pele escura é uma força de trabalho barata.

A se destacar que o pensamento descolonial surge nas terras invadidas por duas civilizações europeias, a espanhola e a portuguesa, resultando das rebeliões dos escravos africanos e dos povos ancestrais e ressurgem em fins do século XVIII, XIX e XX com Ghandi na Índia, Amílcar Cabral, Lumumba e Nelson Mandela na África, Aimé Césaire e Fanon na Martinica, Reinaga na Bolívia e Glória Anzáldua no México e nos Estados Unidos. Há pois uma vertente do pensamento descolonial que acompanha a História Imperial Colonial Moderna Capitalista, se contrapondo à retórica da modernidade e à lógica da colonialidade. O pensar descolonial, a que Quijano denomina *desprendimiento epistémico*, seria o primeiro passo para o desprender-se do eurocentrismo, que nos dificulta pensar o sul a partir do sul, pensar a América a partir da América

E por que não fechar com a poesia de Nicolas Guillen?

Diz ele em 1952

Busquémonos más cada día

que es el mejor modo de encontrarnos

Ello sin rechazar cuanto coincida limpiamente

con nuestra idiosincracia, con nuestro espíritu, con nuestra cultura

Pero oponiendo una muralla de pechos implacables

a lo que pueda desnaturalizar la esencia de nuestro ser..

Bibliografia:

- ANZALDÚA, G.(1999) *Borderlands La Frontera The New Mestiza*.San Francisco: Aunt Lute Books. 2nd Ed
- ATLAN, H(1994) *Com razão ou sem ela*. Lisboa: Instituto Piaget
- AYALA, G. P. (1998). *Nueva Crónica y Buen Gobierno*.Perú:Ed. Horizonte.
- BROCHARD, V.(2008). *Sobre o Erro*. Rio de Janeiro: Contraponto..
- BRIGGS,J.& PEAT, F.D. (1990). . *Espejo y Reflejo: del caos al orden*. Barcelona: Gedisa Ed.
- CASANOVA,P.G.(2004)*As novas ciências e as humanidades – da Academia à Política*. São Paulo: Boitempo.
- CECEÑA,A. E. (2006) coord.*Los desafíos de las emancipaciones en un contexto Militarizado*.Buenos Aires:Clacso.

- CERTEAU, M.de (1995) *La toma de la palabra*. México:ITESO
- FALS BORDA,O.(1998) comp. *Participación Popular- retos del futuro*. Bogotá: ICFES/IEPRI/COLCIENCIAS
- FALS BORDA & BRANDÃO C.R. (1986) *Investigación Participativa*. Montevideo: Inst, del Hombre; Ed. de la Banda Oriental
- FANON, F.(1952) *Peau noire, masques blancs*.France: Edicions du Seuil
- FANON, F. *Les damnés de la terre*
- FANON. F(1976) *Sociologia de una revolución*.México: Ed Era, 3ª Ed.
- FULLER, N. (2002) *Interculturalidad y Política.- desafíos y posibilidades* Perú: IEP
- GUILLEN,N.(1987) *Prosa de Prisa*. La Habana: Editorial Letras Cubanas.
- SOTOLONGO CODINA& DELGADO DIAZ..(2006). *La revolución contemporánea del saber y la complejidad social*. Buenos Aires: Clacso.
- DUBE, S.(2001) *Sujetos subalternos*..México\;El Colégio de México.
- DUSSEL, E.(2007). *20 Teses de Política*. São Paulo: CLACSO.
- ESTERMANN, J.(1998) *Filosofia Andina*. Ecuador: Ed. Abya-Yala
- GARCIA, R.L. (2002) Da fronteira se pode alcançar um ângulo de visão muito mais amplo ... embora nunca se veja tudo In CANDAU, V. org *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio: DP&A
- GARCIA, R.L. org (2003) *Método Métodos Contramétodo*. São Paulo:Cortez Ed
- GARCIA, R.L.(2010) org *Diálogos Cotidianos*.Rio de Janeiro: DP&Alii/ FAPERJ.
- GARCIA, R.L. (2001)org. *Para quem pesquisamos para quem escrevemos*. São Paulo Cortez
- GEORGE, S.(2004) *Another world is possible IF ...* London: Verso.
- GILROY, P. (1996) *The Black Atlantic- modernity and double consciousness*.USA: Harvard University Press, 4th print
- GUHA&SPIVAK(1988).ed. *Selected Subaltern Studies*. New York:Oxford University Press
- HALL, S. (1997) *Identidades Culturais na Pós-modernidade*.Rio de Janeiro:DP&A
- LANDER, E.(2005) org *A colonialidade do saber eurocêntrismo e ciências sociais- Perspectivas latino-americanas*. São Paulo; Buenos Aires:
- LEFF, E.(2010) *Saber Ambiental –sustentabilidade, racionalidad, complejidad, poder* México,Madrid. Argentina: PNUMA, Siglo Veintiuno.3ª reimp.
- MARIATEGUI, J.C.(1995) *7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Peru: Amauta, 62nda Edición

- MARGULIS, L.& SAGAN D. (1997) *Microcosmos- four billion years of microbial evolution*. London: University of Califórnia.
- MARTI, J. (1972) *Antologia Mínima-Tomo I*. Habana: Instituto Cubano del Libro
- MARTI, J.(1972) *Antologia Mínima – Tomo II*. Habana: Instituto Cubano del Libro
- MARX&ENGELS (1973) *Feuerbach, contraposición entre la concepcion materialista y la idealista*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales.
- MIGNOLO, W. (2000) *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: EDUFMG
- MIGNOLO, W.(2001)org. *Capitalismo y Geopolítica del conocimiento*. Argentina: Ed. Del Signo.
- MIGNOLO, W.(2005) *The Idea of Latin América*. USA UK: Blackwell Publishing
- MIGNOLO,W.((2003) *The Darker Side of the Renaissance – literacy, territoriality and colonization*. USA: The University of Michigan Press.
- PRIGOGINE, I.(1996).*El fin de las certidumbres*. Barcelona: Andrés Bello.
- RETAMAR,R.F.(2005) *Todo Caliban*. Buenos Aires: CLACSO.
- RETAMAR R.F.(2006) comp.*Pensamiento de nuestra América- autoreflexiones y propuestas*. Buenos Aires: CLACSO.
- SANCHES, M.R. org(2005) *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: Ed. Cotovia.
- SANTOS, B.S.(2007) *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Ed
- SANTOS, B.S.(2005) *O Fórum Social Mundial- manual de uso*. São Paulo: Cortes Ed
- SANTOS, B.S.&MENESES, M.P. org (2009) *Epistemologias do Sul*. Ed. Almedina
- SCHNITMANN, D. F.(1996)org. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*.Porto Alegre: Artes Médicas
- STAVENHAGEN,R.(1971)*Como descolonizar las Ciências Sociales?*In Sociologia y Subdesarrollo. México:Nuestro Tiempo.
- TORRES,S.(2001) *Nosotros in USA-Literatura,Etnografia e Geografia de Resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- WALLERSTEIN,I.(1996) *Para abrir as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Ed.
- WALSH, C.(2009).*Interculturalidad, Estado, Sociedad*. Quito:Ed. Abya-Yala
- WALSH, C.,LINERA,A.G.;MIGNOLO,W.(2006) *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Argentina: Ed del Signo.
- WINTER,S.(1991)*Race,Discourse and the Origin of the Americas:a New World View of 1492*.In Lawrence & Nettleford, eds *1492: a New World View*. London and Washington: Smithsonian Institution Press: 5-57.

Discurso de Rafael Correa no 50º Aniversário da Flacso em junho de 2008
Revista Crítica de Ciências Sociais Nº 80 março 2008

^{3[1]} - Professora Permanente Especial do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal Fluminense
Pesquisadora do Cnpq

^{4[2]} - Na dificuldade de encontrar uma tradução para separateness separação, desunião, dispersão, separabilidade, a condição de poder estar separado
